III SEMINÁRIO DO NECAF E I ENCONTRO DOS EGRESSOS DO GEPEC

SOCIOEDUCAÇÃO E CULTURA NA AMAZÔNIA: A APROPRIAÇÃO URBANA DE MEDICINAS INDÍGENAS

Marcos Willian Gonçalves de Souza[1]
Osmarina Guimarães de Lima[2]

A pesquisa discute aspectos socioeducacionais sobre o uso de medicinas indígenas amazônicas fora de seus contextos culturais, temática que teve origem a partir de reflexões teóricas realizadas no grupo de estudo do Programa Escola de Egressos (UEA/ENS). Busca-se compreender como a transposição de medicinas indígenas, como a ayahuasca, para contextos urbanos ocidentais, produz práticas que desvirtuam seus sentidos ancestrais. Desde tempos imemoriais, os povos originários da Amazônia se relacionam profundamente com as medicinas da floresta, tanto como forma de tratamento da saúde física, quanto também para conexão espiritual com a Terra; as constituindo como sagradas e epistêmicas, podendo ser manuseadas apenas por especialistas (Kumuã, Xamã, Pajé) em contextos comunitários e ritualísticos, de acordo com os aspectos cosmológicos de cada povo. Assim, o estudo se orienta a partir do seguinte problema: quais os impactos socioeducacionais da apropriação urbana e descontextualizada das medicinas indígenas amazônicas, especialmente da ayahuasca? O objetivo geral consiste em refletir sobre a apropriação de medicinas indígenas e seus impactos socioeducacionais. Os objetivos específicos são: 1) compreender os significados das medicinas indígenas amazônicas, especialmente da ayahuasca, em seus contextos originários; 2) Identificar formas de apropriação urbana e descontextualização dessas medicinas; 3) Propor caminhos pedagógicos para mobilização social sobre os impactos dessa apropriação. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, fundamentado em revisão bibliográfica e análise hermenêutica-cultural. Os resultados parciais apontam que movimentos urbanos, ao se apropriarem do chá da ayahuasca sem o devido conhecimento, têm favorecido usos recreativos, terapias alternativas e experiências pessoais, que tratam saberes medicinais milenares como produto de consumo e mercadoria. Tais práticas contribuem para a descaracterização dos sentidos originários dessas medicinas e evidenciam a necessidade de ações socioeducativas que evitem sua banalização, valorizando as ciências indígenas que as constituem.

Palavras-chave: Escola de Egressos; Socioeducação; Cultura; Medicinas Indígenas.

[1] Graduado em Pedagogia e Pós-graduando em Pesquisa nos Espaços Educativos (UEA). Lattes: http://lattes.cnpq.br/0739372069748694. E-mail: mwgds.pee24@uea.edu.br

[2] Doutora em Educação (UFAM). Docente do Ensino Superior na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3117-4623. Lattes: http://lattes.cnpq.br/8593296452319918. E-mail: oglima@uea.edu.br